

GIORGETTI, Ugo (Ugo César Giorgetti, São Paulo, 28.5.1942). Diretor. Apesar do nome italianíssimo, Giorgetti pertence à terceira geração de imigrantes italianos vindos da Toscana. Realizou sua escolaridade até o curso de Filosofia da USP, que deixou incompleto. Começou na publicidade como contato entre a agência e o cliente, ascendendo rapidamente a diretor de comerciais da Alcântara Machado, em 1966. Trabalhou em várias agências como a C&N, Denison, Proeme, Companhia de Cinema, Espiral e Frame.

Ainda como diretor de filmes publicitários, passou à direção de cinema com um curta-metragem, *Campos Elíseos* (1973). A esta primeira experiência, seguiu-se o média-metragem *Edifício Martinelli* (1975), sempre trabalhando com equipes pequenas, em geral participante do mesmo meio da publicidade, em sistema de cooperativa. Ainda no campo do documentário realizou o primeiro longa-metragem, *Quebrando a cara*, filmado em 16mm e nunca exibido comercialmente. Centrado na vida do lutador de boxe Éder Jofre, discutia tanto o esporte, dominado pelas famílias Jofre e Zumbano, quanto o meio social de malandros e marginais gravitando em torno das lutas. Iniciado em 1979, foi exibido em 1986 no Festival de Brasília, ganhando o prêmio de Melhor Montagem (Luís Elias) na categoria 16mm. No campo da narrativa ficcional estreou com *Jogo duro*. Nesta película, em que Georgetti teria se inspirado em *Jules e Jim*, uma mulher tenta sobreviver na cidade de São Paulo envolvendo-se com dois homens, um corretor de imóveis e um vigia de rua. Ao elenco principal pouco conhecido (Cacá de Carvalho no seu primeiro trabalho em cinema), o diretor trouxe nomes famosos em pequenos papéis como Antonio Fagundes, Paulo Betti, Eliane Gardini e Cleide Yaconis, marca que utilizaria em outras películas. Em *Jogo duro* se evidenciam as opções do diretor pelos espaços fechados de desenvolvimento da narração e um olhar sobre os tipos marginalizados da sociedade. Esta perspectiva seria reafirmada no filme seguinte, *Festa*, que consagrou o diretor no Festival de Gramado de 1989, popularizando o seu nome. Possivelmente *Festa* é o mais conhecido entre os seus filmes e o único que lhe deu alguma bilheteria. Trazendo para cena mais uma vez o esporte, no caso dois jogadores de sinuca contratados para animar os participantes de uma festa, e que permanecem no andar inferior de uma mansão, numa clara denotação dos estratos sociais estanques, a fita foi concebida para o espaço fechado, vivido como um tempo limitado (a duração da festa). Ultrapassados os nos borrascosos do governo Collor, o diretor concretizou em 1994 *Sábado*, em que colocou em cena a própria profissão ao centralizar a narrativa numa equipe que realiza as locações de um filme de propaganda num edifício em decadência do centro da cidade. Ao lado do universo glamurizado e do desperdício da publicidade (o diretor do comercial roda a mesma cena dezenas de vezes) circula a população pobre do edifício, onde ocorrem os conflitos às vezes cômicos, às vezes dramáticos (o zelador bêbado, os funcionários do Instituto Médico Legal presos no elevador com um cadáver que vieram buscar, a festa na parte superior do prédio). *Boleiros*, seu filme seguinte, é uma espécie de interregno na discussão principal de sua filmografia, retomando o veio esportivo, no caso o futebol, como um resgate de uma experiência que não tinha chegado ao público vinte anos antes em *Quebrando a cara*.

Seu último filme foi *O príncipe*. Realizado dentro do clima de desencanto que envolveu a vida cultural brasileira depois do governo Collor e com a globalização empreendida pelo presidente Fernando Henrique, a fita pode ser definida por uma frase do personagem principal: um funeral. Gustavo (Eduardo Tornaghi), um paulistano que se auto-exilou na França depois do golpe militar de 1964, retorna ao país para fazer alguma coisa pelo sobrinho, um professor de História, que enlouqueceu. Aos poucos vai encontrando os velhos amigos, descobrindo as trajetórias de cada um: o primeiro que encontra transformou-se num especialista em marketing cultural; outro, um jornalista, em virtude de um acidente banal, ficou paraplégico; um terceiro abandonou toda atividade intelectual para agir, isto é, ajuda numa sopa comunitária para os pobres. O auge do encontro seria com a musa de sua geração, Maria Cristina, que é diretora de marketing cultural para uma grande corporação. Como nos filmes anteriores, os espaços fechados são limpos e bem compostos, enquanto o espaço aberto da rua é o local onde acontecem todas as desgraças do país (crimes, o suicídio do sobrinho, pobreza). O filme foi mal recebido pela crítica e pelo público. Este desencontro tem um fundamento, pois dentro de uma narrativa realista não cria um herói positivo (Gustavo é esperado por todos como se fosse um grande intelectual, mas nos fiapos de informação que solta parece que vive do serviço previdenciário francês), enquanto o Marino Esteves, numa notável interpretação de Ewerton de Castro, que seria o seu oposto, o intelectual decadente, como o Luis Linhares de *O desafio*, é um personagem vivo e simpático.

Ugo Giorgetti tem se dedicado nos últimos anos a novos projetos. Um deles seria a continuidade de *Boleiros*; outro, sobre a classe teatral durante a ditadura militar. O diretor tem realizado documentário em vídeo digital como *Uma outra cidade* (2000) e o projeto *Os músicos*.

JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA

2 laudas, 853 palavras, 4514 caracteres, 72 linhas.

Bibliografia: Pavan, Rosane. *O sonho intacto*. Imprensa Oficial, 2004.

Filmografia: 1973, Campos Elíseos, Brasil, cm; 1975, Edifício Martinelli, Brasil, cm; 1983, Quebrando a cara, Brasil, LM; 1989, Festa, Brasil, LM; 1994, Sábado, Brasil, LM; 1998, Boleiros... Era uma vez o futebol, Brasil, LM; 2000, Uma outra cidade, Brasil, cm; 2002, O Príncipe, Brasil, LM.

Fonte: Pavan